



Dever de se Sentar em Tempo de Confinamento



Oração inicial

Cristo não tem mãos,
Conta apenas com as nossas
Para fazer o seu trabalho hoje.
Cristo não tem pés,
Conta apenas com os nossos
Para orientar os homens no seu caminho.
Cristo não tem lábios,
Conta apenas com os nossos
Para falar de Si aos homens.
Cristo não tem quem O ajude,
Basta-Lhe contar com a nossa ajuda
Para congregar quem esteja ao Seu lado.
Nós somos a única Bíblia que a humanidade ainda lê.
Nós somos a última mensagem de Deus
Escrita em atos e em palavras.



Reflexão

Estamos imersos em circunstâncias muito complicadas. Há tantas pessoas a sofrer por razões tão diversas. É inevitável que tentemos encontrar uma explicação ou, pelo menos algo ou alguém a quem culpar. Precisamos de refletir para dar um significado cristão a tanta dor, para reconhecer que tudo o que acontece, embora não seja aparente, é sempre para o nosso bem.



Leitura

A cruz de Cristo mudou o significado da dor e do sofrimento humano. Todo o sofrimento físico e moral já não é um castigo, uma maldição. Foi resgatado pela raiz desde que o Filho de Deus o tomou sobre si mesmo. Qual é a prova mais segura de que a bebida que alguém nos oferece não está envenenada? É que a beba à nossa frente e do mesmo copo. Assim fez Deus: na cruz ele bebeu, perante o mundo, o cálice da dor até às entranhas. Assim mostrou que este não está envenenado, mas que existe uma pérola no fundo. Não se trata apenas da dor de quem tem fé, mas da de toda a humanidade. Ele morreu por todos. "Quando Eu for levantado da terra, atrairei todos a Mim" [Jo 12,32] – havia dito. Todos, não apenas alguns!

"Sofrer" - escreveu S. João Paulo II no seu leito no hospital após o ataque – "significa ficar particularmente recetivo, especialmente aberto à ação das forças salvadoras que Deus ofereceu à humanidade em Cristo". Graças à cruz de Cristo, o sofrimento converteu-se, à sua maneira, num tipo de "sacramento universal da salvação" para o género humano. Qual é a luz que tudo isto lança sobre a situação dramática que vive a humanidade? Também aqui, mais do que identificar as causas, devemos olhar para os efeitos. Não só para os negativos, cuja parte triste ouvimos todos os dias, mas identifiquemos também os positivos, que apenas uma observação mais próxima e atenta nos ajuda a entender.

A pandemia do coronavírus acordou-nos abruptamente do maior perigo a que os indivíduos e a humanidade se têm exposto: a ilusão da onipotência. Temos a oportunidade – escreveu um conhecido rabino judeu – de comemorar este ano um êxodo Pascal especial, de deixar “o exílio da consciência”. Bastou um pequeníssimo e disforme elemento da natureza, um vírus, para nos lembrar que somos mortais, que o poder militar e a tecnologia não são suficientes para nos salvar. “O homem que, na opulência, não reflete - diz um salmo da Bíblia -, assemelha-se ao gado que se abate.” [Sl49,20].

Enquanto pintava os frescos da Catedral de São Paulo em Londres, o pintor James Thornhill, a dada altura tanto se entusiasmou com a sua obra que, recuando para a ver melhor, não se apercebeu que se abeirava do vazio dos andaimos. Um auxiliar, horrorizado, percebeu que um grito de alerta apenas aceleraria o desastre. Sem pensar duas vezes, mergulhou um pincel na tinta e borrarou o fresco. O mestre, atónito, avançou num salto. O seu trabalho estava comprometido, mas ele estava salvo. É assim que Deus às vezes trabalha connosco: perturba os nossos projetos e a nossa paz de espírito, para nos salvar do abismo que não vemos.

Mas tenhamos cuidado para não nos enganarmos. Não é Deus quem esborrata à pincelada o fresco da nossa orgulhosa civilização tecnológica. Deus é nosso aliado, não do vírus! "Eu tenho projetos de paz, não de aflição", diz-nos na Bíblia (Jr 29,11). Se estes flagelos fossem punições de Deus, não se

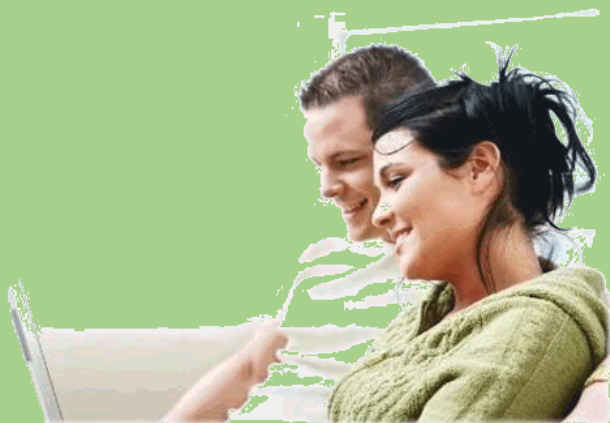
explicaria por que se abatem de igual modo sobre o bem e o mal e por que são os pobres quem mais sofre as consequências. Serão estes mais pecadores que os outros? Não! Aquele que chorou um dia pela morte de Lázaro chora hoje pelo flagelo que caiu sobre a humanidade. Sim, Deus "sofre", como todo o pai e toda a mãe. Quando O olharmos um dia, teremos vergonha de todas as acusações que Lhe dirigimos na vida. Deus participa na nossa dor para a superar. "Deus, escreve Santo Agostinho, sendo extremamente bom, não permitiria nunca que algum mal existisse na sua obra, se não fosse suficientemente poderoso e bom para revelar o bem, mesmo entre o mal".

Acaso Deus Pai teria querido a morte de Seu Filho, para tirar proveito disso? Não, simplesmente permitiu que a liberdade humana seguisse o seu curso, fazendo, porém, que se cumprisse o Seu plano, não o dos homens. Isto aplica-se também aos desastres naturais, como terremotos e pragas. Ele não os suscita. Simplesmente deu também à natureza como que uma liberdade, qualitativamente diferente, sem dúvida, da liberdade moral do homem, mas de qualquer forma uma liberdade. Liberdade para evoluir de acordo com as suas leis de desenvolvimento. Ele não criou o mundo como um relógio previamente programado ao mínimo detalhe. Aquilo que alguns dizem ser casualidade, mas que a Bíblia, por outro lado, designa por "sabedoria de Deus".

O outro fruto positivo da atual crise sanitária é o sentimento de solidariedade. Quando, na memória humana, povos de todas as nações se sentiram tão unidos, tão iguais,

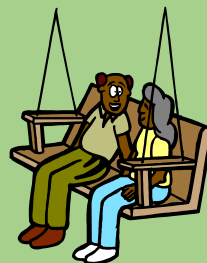
tão pouco competidores, como neste momento de dor? Nunca como agora percebemos a verdade do grito do poeta: «Homens, paz! Na terra prostrada é demasiado o mistério». Esquecemo-nos de muros a construir. O vírus não conhece fronteiras. Num instante derrubou todas as barreiras e diferenças: de raça, de religião, de credo, de poder. Não devemos voltar atrás quando esta perturbação tiver passado. Como o Santo Padre nos exortou, não podemos perder esta oportunidade. Não façamos com que tanta dor, tantas mortes, tanto compromisso heroico por parte dos agentes de saúde sejam em vão.”

[Extraído da homilia de Sexta-feira Santa de 2020 do Pe. Raniero Cantalamessa, pregador da Casa Papal]



Para o diálogo

Como nos sentimos perante as exigências de confinamento, distanciamento social, alteração dos nossos hábitos diários? Como é que isto nos está a afetar?



Expressar os nossos sentimentos é bom para evitar conflitos. Fazemo-lo? Fazemos saber ao outro quando não nos sentimos bem?

Pedir perdão é essencial para ultrapassar pequenos conflitos resultantes de uma "coexistência excessiva". Pedimos desculpa quando o nosso comportamento não contribui para um bom clima familiar?

Em circunstâncias de sofrimento próprio ou alheio, procuramos a quem responsabilizar por isso? Tentamos justificá-lo? Alivia-nos identificar um "culpado"?

Todos os dias recebemos notícias de situações dramáticas vividas no nosso meio, mais ou menos próximo. Somos capazes de descobrir algum aspeto positivo delas resultante? Como podemos realçar o bem em tais circunstâncias?

De acordo com o que o Pe. Cantalamessa expressou a propósito da liberdade, deduzimos que a liberdade que Deus nos concede é "condicional"? A liberdade pode ser prejudicial aos seres humanos?

O nosso casamento não pode permanecer alheio a tantas mudanças. Apercebemo-nos delas? Podemos identificá-las? Compartilhamos esta conclusão de que "Não devemos voltar atrás quando esta perturbação tiver passado."?

Magnificat

Baseado em “Sentada en tiempo de confinamento”
Equipos de Nuestra Señora, Superregión de España,

Equipas de Nossa Senhora
Supra-Região Portugal
Maio de 2020